

DF - Cultura

O discreto quase secretário

ESCOLHIDO PARA SUBSTITUIR FERNANDO LEMOS, O MÉDICO, EMPRESÁRIO E ESCRITOR CÉSAR BAIOCCHI TOMA POSSE NO DIA 1º

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Omédico, empresário, escritor e vice-presidente do Conselho de Cultura do DF, César Baiocchi, 65 anos, é o novo secretário de Cultura do Governo Roriz. Sua escolha é certa e ele, nos bastidores, já mantém reuniões com auxiliares mais próximos e acerta "pequenas mudanças". No máximo "em dois ou três postos". O substituto do polêmico secretário Fernando Lemos é cauteloso, calmo e — segundo alguns críticos — "lento em suas decisões, amadurecidas só depois de muitas consultas".

Sua cautela é tanta que ele só se dispõe a dar entrevista quando deparar-se com seu nome publicado no *Diário Oficial*. "A política" — diz serenamente — "é um jogo de conveniências. O governador pode necessitar do cargo e não quero constrangê-lo com atitudes precipitadas". Só depois de muita insistência ele admite que já recebeu o convite do governador e que já manteve entendimentos com Fernando Lemos, Maria Luiza Dornas, diretora-executiva da Fundação Cultural; Tetê Catalão, coordenador do Conjunto Cultural da 508 Sul; e com seus pares do Conselho de Cultura do DF. "Ontem" (2ª feira) — relata — "transmiti o cargo de presidente do Conselho a Divino Gomes Dias, e assumi a vice-presidência. Em seguida fizemos uma reunião muito bonita, que me emocionou muito". O discreto secretário (que em tudo contrasta com o atrevido Fernando Lemos) não ousa anunciar nem o nome de seu substituto no Conselho de Cultura. Quando tomar posse no Governo Roriz, ele passará a membro nato do órgão colegiado. Caberá, então, ao governador escolher nome para preencher a vaga que será aberta.

Assessoria — O (ainda) secretário Fernando Lemos deve deixar o governo no próximo dia 1º. Empossará seu substituto, que escolheu e recomendou ao governador, e tomará algumas semanas para descansar. Depois — jura — abandonará a política e regressará ao jornalismo. Para o sucessor, Lemos legará "calendário cultural e turístico, o Pólo de Cinema e Vídeo, o Espaço Cultural da 508 Sul, entre muitos outros projetos". Legará, também, um orçamento miserável, um quadro funcional desorganizado e cheio de lacunas, espaços culturais sucateados (a Sala Funarte está apodrecendo e transformou-se em mictório de mendigos) e imagem ruim. Para a comunidade cultural, Lemos deixa a imagem de "secretário omisso". Por compor o staff pessoal do governador Joaquim Roriz, o secretário não dispunha, na maioria das vezes, de tempo físico para dedicar aos assuntos da Cultura e do Esporte. Neste exato momento, ele participa, ativamente, da reforma que Roriz promove nas administrações regionais e no seu secretariado.

A influência de Lemos na gestão Baiocchi será maior do que se pensa. Diplomaticamente, ele nega qualquer interferência na ação do seu sucessor. Nos bastidores, sabe-se que trabalham juntos e somam compreensões e acertos. Nos postos-chave da nova administração permanecerão Tetê Maria Helena Matta Machado (Pólo de Cinema e Vídeo), Tetê Catalão (508 Sul), Cristiano Menezes (Rádio Cultura), Rogério Duarte (MAB), Bernardo Carvalho de Araújo (Arquivo Público) etc etc. Com sua verve costumeira, Lemos avisa: "Não se mexe em time que está ganhando".

Teatro Amador — Nos meios culturais brasilienses, Baiocchi é conhecido como o "padrinho da Galeria Cabeças". Como empresário, apoiou ativamente o projeto que sacudiu Brasília no final dos anos 70 e causou sensação nos anos 80. Sua vida, porém, mostra que a arte está bem mais presente em sua vida do que se pensa. Ele nasceu em 1928, em Goiás Velho. Mudou-se para o Paraná, onde formou-se em Medicina. Iniciou-se na profissão no interior (em São João do



Ao contrário de seu antecessor, César Baiocchi é cauteloso, calmo e discreto. No detalhe, com o então diretor da Funarte Roberto Parreiras nos anos 70

REPERCUSSÃO

Nivaldo Ramos, 36 anos, ator e diretor do Centro de Referência Cultural da Faculdade Brasileira de Teatro: "A indicação de César Baiocchi não surpreende a ninguém, pois vem sendo anunciada há um bom tempo. Depois da gestão Fernando Lemos, a comunidade cultural espera nome capaz de aglutinar as pessoas em torno de um pensamento, de um projeto cultural. Alguém capaz de reestruturar todo o aparato de cultura do DF, que está deteriorado. Baiocchi é um cavalheiro, mas, infelizmente, não tem o perfil necessário ao momento. Faltam a ele determinação e contundência em suas decisões. Em síntese: falta-lhe capacidade de ação imediata. Como este governo não dá a mínima para área cultural, creio que desenvolverá um mandato (tampão) sem recursos. Se continuar cercado das atuais assessorias que servem à Secretaria de a Fundação Cultural, tudo continuará mal, muito mal. Principalmente na Fundação Cultural, onde as assessorias não conseguem articular pensamento cultural digno de relevo".

Isabela Brochado, — 33 anos, atriz e diretora de Cultura do Sindicato dos Professores — "Não conheço o senhor César Baiocchi. Sobre a gestão Fernando Lemos, tenho uma opinião: não foi boa, pois não apoiou a produção local. Voltou-se mais ao eixo Rio-São Paulo, que a Brasília. A área teatral, por exemplo, ficou totalmente sem assistência e apoio. Defendo a realização de Edital que distribua, de forma transparente e democrática, recursos capazes de fomentar a produção local. Quando Lemos assumiu, investiu pesado em projeto que trouxe, a Brasília, Hamilton Vaz Pereira. Hoje, passados dois anos, eu pergunto: o que restou dessa experiência? Na minha avaliação, nada. O Pólo, outro projeto que recebeu enorme apoio do governo Roriz, foi construído em cima do sensa-

cionalismo e da propaganda. Seus frutos são poucos. De louvável, até agora, só o filme *A Terceira Margem do Rio*. Como diretora cultural do Sinpro, um sindicato que faz sérias restrições ao governo Roriz, foi difícil trabalhar com Fernando Lemos. A imagem dele está por demais associada ao governador. Muitas vezes, ele deixou a pasta da Cultura de lado e se nos apresentou como porta-voz do governo. Não sei se com Baiocchi será diferente".

José Sóter, 40 anos, empresário cultural, membro do Conselho de Cultura do DF e presidente do Sindicato dos Produtores de Artes Cênicas — "A escolha de César Baiocchi resulta do rolar natural das águas. Desde o ano passado, sabíamos que seu nome seria escolhido para substituir Fernando Lemos. Ele está afilado com o pensamento político do governador Roriz. Não tenho nada contra, nem a favor dele. Espero, com sinceridade, que vista a camisa da Cultura e corra atrás de dinheiro para atender ao setor e tirá-lo do marasmo em que se encontra. Convivo com César Baiocchi desde o início dos anos 80. Primeiro na Galeria Cabeças, depois do Conselho de Cultura do DF. De nossa convivência no Conselho, neste último ano, ficou a imagem de que Baiocchi é o homem das comissões. Como presidente do colegiado (até a última segunda-feira), ele postergou todas as decisões. Torço para que seja mais resoluto na Secretaria de Cultura".

Romário Schettino, 41 anos, membro do Conselho de Cultura do DF — "César Baiocchi tem boa presença no movimento cultural de Brasília. Como presidente do Conselho de Cultura do DF, porém, assumiu postura vacilante com relação às reivindicações da comunidade. Sua escolla traz pelo menos uma vantagem. Ele terá tempo para dedicar-se à pasta, ao contrário de Fernando Le-

mos, um secretário omisso, que se ocupava mais com afazeres políticos que com a Secretaria de Cultura e Esportes. Espero que Baiocchi continue a ter presença assídua no Conselho de Cultura e que participe ativamente das reuniões do Conselho Deliberativo. Hoje, o CCDF vem atuando quase que exclusivamente na avaliação de projetos candidatos à ajuda financeira do Faac (Fundo de Apoio à Arte e Cultura). Na minha opinião, esta restrição é uma deficiência. As referências que tenho de Baiocchi o ligam ao nascimento da Galeria Cabeças, projeto coordenado por Nélio Lúcio".

Maria Duarte, — 57 anos, autora do livro-tese *A Educação pela Arte numa Cidade Nova — O Caso Brasília* — "Do ponto de vista das relações pessoais, César Baiocchi é uma pessoa de excelente convivência, da maior honestidade e da maior seriedade. No tempo em que convivemos no Conselho de Cultura do DF, mesmo quando tínhamos posições diferentes, nos tratávamos com amabilidade e educação. Ele escuta, pondera, tem esta virtude. Já uma análise do ponto de vista político, creio que ele tem pouco a fazer, pois passa a integrar governo muito comprometido e sem nenhuma confiabilidade pública. Sem dinheiro, pouco fará. Como viabilizar projeto sério dentro de um governo desmoralizado?"

Nélio Lúcio, 40 anos, ator e coordenador da Galeria Cabeças — "César Baiocchi é uma pessoa especial. Sou até suspeito para falar dele. É disciplinado, um coordenador nato, cabeça aberta, homem de visão cultural muito grande. Lamento que tenha tão pouco tempo — e poucos recursos orçamentários — para implantar seu projeto. No Conselho de Cultura, ele tirou leite das pedras para tornar problemas. É paciente, um ouvido generoso e compreensivo".

Caiuá). O médico da pequena cidade encontrava tempo para dirigir espetáculos teatrais. "Meu grupo" — conta — "ganhou até um prêmio num festival de pequenos municípios do interior".

Em 1964, o jovem médico migrou para Brasília. Aqui, trabalhou na Fundação Hospitalar até aposentar-se. "Mas continuei um médico que ama a profissão e continua contribuindo com o Conselho Regional de Medicina". Nos anos 70, tornou-se empresário. Hoje, mantém nas margens do Rio Araguaia, a 700 km de Brasília, o Projeto Agro-Urbano, Turístico, Hotel, Pecuária e Ecologia. Ele mesmo ri da extensão do nome e resume-o em três palavras: Pousada do Jaburu. "Lá, ofereço lazer aos interessados em turismo e agricultura ligados à natureza". Diz mais: "Minha vida, costume brincar, é totalmente dedicada à Cultura: 50% são dedicados ao Conselho de Cultura e os outros 50% à cultura do arroz e do feijão".

Houve tempo em que Baiocchi dedicou-se com afinco às letras. Seu primeiro livro, uma novela, foi escrito nos tempos de médico do interior — *Corriola Paraná-Brasil*. Depois vieram *Sete Mulheres de Trinta* e *Um Olho D'Água* (contos), e *Mais Um Ponto Depois de Outros Contos* (idem). Resultado: elegeu-se membro da Academia Goiana de Letras.

O novo secretário nutre enorme carinho pela Galeria Cabeças. Lembra que, no final dos anos 70, ele morava numa chácara e foi procurado por um grupo de jovens (André da Fico Crispim, Nélio Lúcio e Nicolas Behr à frente) que desejava se organizar para produzir arte. Nasceu, então, a Galeria Cabeças, na 111 Sul, numa portinha alugada. Esta pequena portinha deu origem ao Centro Brasiliense de Arte e Cultura — Cabeças. "Do Bolso" — testemunha Nélio Lúcio — "ele retirou dinheiro para nos apoiar. Hoje, costuma dizer que recebeu pagamento duplicado, pois teve a alegria de ser presidente do Centro Cabeças e, através de novas atividades, realizar-se como cidadão brasiliense".